

A (RE)ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA VILA DE NAZARÉ: A CRIAÇÃO DO BAIRRO DE SÃO SEBASTIÃO

**Adriano Lopes Saraiva²
Josué da Costa Silva³**

RESUMO: As modificações que podem ser observadas no espaço decorrem de diversos fatores. Dentro de um espaço diferenciado como a área ribeirinha de Porto Velho, vários deles podem ser citados como: a queda de barrancos, a saída para a terra-firme durante o período das cheias, a entrada nas matas, entre outros. Todavia existe um que é mais específico, que está intimamente ligado á cultura do homem ribeirinho, que é o Festejo Religioso. O presente texto aborda a modificação do espaço da Vila de Nazaré por causa da realização de um festejo religioso, o processo e as mudanças dentro da comunidade por conta da criação de um novo espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Populações tradicionais: Espaço ribeirinho: Religiosidade: Festas religiosas.

ABSTRACT: The modifications that can be observed in the space elapse of several factors. Inside of a space differentiated as the riverine area of Porto Velho, several of them they can be mentioned as: the fall of ravines, the exit for the earth-firm during the period of the floods, the entrance in the forests, among others. Though one that is more specific exists, that is intimately the riverine man's linked á culture, that is the Religious Feast. The present text approaches the modification of the space of Nazareth's Villa inside because of the accomplishment of a religious feast, the process and the changes of the community due to the creation of a new space.

KEYWORD: traditional Populations: I space riverine: Religiosity: Religious parties.

¹ Pesquisa realizada dentro do PIBIC/CNPq/UNIR, sendo um dos desdobramentos do Projeto: Simbolismo e Cultura em Populações Tradicionais: o estudo da organização social e as festas religiosas, desenvolvido no período de 2000/2001.

² Graduando do curso de Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Membro do Projeto Beradão. Endereço Eletrônico: adri_geo@bol.com.br

³ Prof. Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Coordenador do Projeto Beradão. Endereço Eletrônico: jcosta@unir.br

O propósito deste trabalho

Ao começarmos a desenvolver nosso trabalho na comunidade de Nazaré estudando e pesquisando as festas religiosas e sua repercussão no espaço e na vida dos moradores, estávamos cientes que a realidade ribeirinha é rica em diversidades. Cada comunidade possui sua lógica própria de produzir e organizar seu espaço. Os acontecimentos são únicos e as relações estão em constante oposição. E Nazaré não é diferente das demais, e logo alguns aspectos nos fizeram perceber que nossa pesquisa teria pela frente um universo rico de relações sociais e simbólicas.

O local a princípio não demonstra suas relações. Para conhecê-las, o visitante precisa aguçar sua percepção. O visitante não as percebe, a comunidade transmite uma idéia de normalidade, as atividades corriqueiras do dia-a-dia pontuam a paisagem da vila, como a mulher que vai lavar roupa nas águas do lago, das brincadeiras das crianças, o jogo de futebol no fim do dia, as meninas reunidas em grupo conversando sob as árvores. No entanto, com a freqüência de viagens à comunidade e o aumento qualitativo da convivência com os moradores nos possibilitou perceber o jogo de interesses presente na comunidade.

Nosso olhar procurava observar a teia de relações existente na comunidade para que não cometêssemos erros no trato com os moradores, evitando ficar muito tempo com uma mesma pessoa ou ficar mais tempo que o necessário em uma casa, atitude que pode representar aos olhos de alguns moradores um privilégio ou favorecimento de um ou outro morador.

A pesquisa privilegia os dias de festa, um tempo diferente e ligado à fé e as crenças da população local. A realização do festejo é o resultado do intenso trabalho desenvolvido por alguns moradores e o motivo da festa é o pagamento de uma promessa feita a São Sebastião. O Festejo de São Sebastião é comemorado nos dias 19 e 2 de Maio e possui momentos e características que o tornam um acontecimento único. Os moradores da comunidade que trabalham na organização do festejo têm um laço que os une: são da mesma família. E é essa família que detém o poder econômico (compra e venda dos produtos agrícolas) e religioso (o ministrante é o chefe da família). Denis Cosgrove ao estudar o papel do poder na paisagem, nos mostra um exemplo desse tipo de situação:

um grupo dominante procurará impor sua própria experiência

de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente com o senso comum (1998, p.104-105)

O objetivo do presente artigo é discutir as relações de poder que se revelam durante o período de festa, além de discutir o acontecimento em si (o festejo) e o seu resultado mais evidente no espaço (o Bairro de São Sebastião). Buscando com as observações e discussões enriquecer a temática acerca da produção e organização do espaço.

A Vila de Nazaré como área de estudo

A Vila de Nazaré é uma das 16 comunidades do Distrito de Nazaré, localizada na região do baixo rio Madeira a jusante de Porto Velho e a montante á vila de Calama. situada no Estado de Rondônia. Com uma população de 50 famílias, totalizando aproximadamente 245 habitantes, com uma população composta em sua grande maioria por idosos e por sujeitos do sexo masculino, a população jovem logo que conclui a 4ª série migra da comunidade em busca de oportunidades e trabalho, os pais que possuem mais condições econômicas mandam seus filhos estudar em Porto Velho, situação que não é vista na grande maioria das famílias residentes na vila.

A estrutura da comunidade apresenta uma escola de ensino fundamental (apenas de 1ª. a 4ª. série), pequenos comércios que vendem desde gêneros alimentícios a remédios; bares, posto de saúde e atendimento médico realizado pelo Programa Saúde da Família-PSF que presta atendimento médico uma vez por mês ao moradores da comunidade e das que estão no entorno de Nazaré. Há na comunidade duas igrejas católicas e uma evangélica, a santa padroeira é Nossa Senhora de Nazaré, mas também se comemora São Sebastião, São João e São Pedro.

As casas são construídas em madeira e cobertas de palha, apenas algumas poucas possuem cobertura de amianto. A grande maioria das casas está localizada na rua em frente ao lago e ao rio, o restante logo atrás e o as outras casas estão no novo bairro de São Sebastião. As construções de alvenaria restringem-se ao Posto de Saúde e à nova igreja de São Sebastião, a maioria das casas é construída como

palafita, em prevenção ao período de cheia do rio.

A base da economia local está centrada na produção de farinha e na pesca, essa área foi no passado um seringal, que com o declínio da produção do látex foi transformada em Vila. A vida em comunidades como Nazaré é regida pelo “tempo” do homem ribeirinho, diferente do que estamos acostumados a observar dentro do modo de vida urbano. Esse tempo está relacionado às cheias e vazantes do rio, as águas que correm mansas, é um tempo de safra, de frutos, de produção, das espécies de peixes. É também o tempo das comemorações. Esse tempo não possui vínculos com o chamado “tempo comercial” ou “tempo das máquinas”, ele é contemplativo.

O espaço socialmente organizado e seus significados

O espaço socialmente organizado da Vila de Nazaré tem muito da cultura do ribeirinho. Entendemos que o ser ribeirinho não implica apenas residir as margens de um rio ou igarapé, as águas passam a fazer parte do seu modo de vida, deixando de ser apenas elementos da paisagem para tomar-se fonte de significados (SILVA, 2000). O mundo mítico vivido pelo ribeirinho e suas crenças advêm do rio, das matas e da religiosidade. A todo momento podemos observar que existe uma lógica própria no arranjo espacial da comunidade, alguns elementos são levados em conta para a construção de casas e plantio de roçados. O ribeirinho constrói sua casa e planta sua roça nas áreas conhecidas como “terra-firme”, que são espaços onde as águas do rio ou igarapé não invadem no período de cheia.

Esse arranjo espacial adotado pelo ribeirinho também se reflete no seu cotidiano, pois a sucessão de cheias e secas, o ir e vir do rio conduz e molda seu tempo e maneira pela qual organiza seu trabalho e lazer. O mesmo podemos dizer do espaço das comunidades ribeirinhas, que assim como outros elementos constituintes da realidade do homem ribeirinho, também têm suas peculiaridades. Nascimento Silva (2000. p. 94-95) exemplifica a organização espacial de comunidades ribeirinhas, onde observa-se que

O espaço, nas comunidades ribeirinhas, ainda está muito próximo, ou melhor, está intimamente ligado às pessoas, e elas mesmas ainda não perderam completamente o controle desse espaço, onde reconhecem os signos e significados que estão

presentes em seu ambiente sem se separem deles inteiramente, sem transformá-lo essencialmente em mercadorias.

Há de se conceitualizar o espaço. É necessário que fique claro o que estamos chamando de espaço, pois Duvignaud (1983, p.37) nos diz que

Nele, o homem dialoga com o homem, percorre os caminhos rituais, respeita os sítios sagrados, delimita o lar para a família e convive com os aspectos surpreendentes destes espaços concomitantemente simbólicos e reais.

O espaço ribeirinho assume características que o diferenciam por exemplo do espaço rural, o que pode ser explicado por intermédio da formação da população, o índio e o nordestino. A vinda de nordestinos para a região amazônica mais precisamente para Rondônia se deu em período de grandes secas no nordeste e por intermédio do extrativismo da seringa para a coleta do látex, além de uma política de ocupação e a tentativa de impulsionar a economia da região através do comércio de produtos locais e da extração da borracha.

Segundo Nascimento Silva (2000, p.48) “o surgimento do ciclo da borracha transformou-se em grande pólo de atração para as populações rurais do Nordeste” A economia dos seringais trouxe novo impulso para a região, novos espaços foram ocupados e as populações indígenas foram sendo dizimadas com o avanço da ocupação pelo não-índio. Com o declínio da produção do látex, sua desvalorização no mercado internacional tornou a região num local de economia estagnada, o que fez com que esse contingente populacional fixasse moradia nos locais onde já trabalhavam.

Mesmo sendo uma área formada por antigos seringais, os moradores não exercem mais o extrativismo da borracha, pois essa atividade não é mais lucrativa para o ribeirinho. Houve então, a mudança significativa no modo de produção do homem ribeirinho que agora vivia às margens do rio. Agora ele tinha que se fixar à terra e constituir moradia, desenvolver atividades agrícolas e comerciais com outros moradores, bem como desenvolver mecanismos que o mantivessem naquela terra.

Assim, surgem as comunidades e vilas. O espaço da área ribeirinha passa a ser delineado pela ocupação voltada à moradia. Fato muito bem retratado por Nascimento Silva:

Algumas surgiram a partir da simples ocupação por seringueiros na primeira corrente migratória, posteriormente por agricultores e, a partir da década de 50, pelos seringueiros “soldados da borracha”, bastando apenas umas três ou quatro famílias para formar uma localidade, e surgem daí, os nomes que estão muito ligados também à memória, que de alguma forma trazem lembranças e saudades de sua terra natal, e que é reproduzida neste novo espaço... (2000, p.92)

A dinâmica espacial da área ribeirinha agora esta voltada para a moradia e pela utilização do solo para as atividades de lavoura branca e coleta de produtos oriundos da floresta, bem como o desenvolvimento da pesca como uma das atividades econômicas do homem ribeirinho.

O espaço pode ser visto como resultado das visões de mundo do grupo (MORAES, 1996), pode representar o resultado do trabalho ali desenvolvido (CORREA, 1995a). Pode estar cercado de símbolos e crenças (SILVA, 2000), além de ser palco da busca pelo poder (COSGROVE, 1998). Pode representar as crenças do grupo através da diferenciação entre o espaço sagrado e o profano (ROSENDHL, 1999), sendo que o espaço pode ser a ponte entre o homem e a divindade, assim, constitui-se o espaço religioso (CAPALBO, 1999).

Como podemos perceber muitos são os caminhos para a compreensão do espaço. Cada linha de raciocínio credita ao espaço e/ou ao lugar, qualidades que são inerentes ao grupo, dele herdaria características e peculiaridades. Nesse sentido Milton Santos em seu *Espaço & Método* nos ensina que ao estudarmos o espaço devemos levar em consideração quatro categorias do método geográfico⁴:

***Forma* é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão.(...) *Função* sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança. (SANTOS 1992, p 50)**

Cada uma dessas categorias representa graus de apreensões do espaço, das relações ali existentes, que moldam e produzem o modo de vida seja em um núcleo urbano ou mesmo em uma comunidade ribeirinha. Possibilitando que ao

⁴ Ver também Roberto Lobato Corrêa, 1995a., 1995b.

observamos seu cotidiano e seus acontecimentos como, por exemplo, as festas religiosas; que possamos notar a dinâmica própria do espaço, obedecendo ao ritmo do ribeirão.

O Festejo de São Sebastião

O festejo de São Sebastião é comemorado nos dias 19 e 20 de maio, devido ao fato que no mês de janeiro, quando é a comemoração oficial, coincide com o período das chuvas. A comemoração originou-se do pagamento de uma promessa feita ao santo por um dos moradores que representa a figura de líder no aspecto religioso e educacional. O espírito de religiosidade é acentuado pelas atividades de preparação da igreja de São Sebastião, da divisão de tarefas entre homens e mulheres e dos produtos que são preparados durante todo o ano, como a galinha e o pato para o leilão.

Outra característica do festejo é que ele saúda um novo período, início da estiagem, do chamado “verão amazônico”. É um momento de efervescência na vida da comunidade. No estudo do antropólogo Charles Wagley (1988) intitulado “*Uma Comunidade Amazônica*”, o papel das festividades é por ele bastante destacado já que são de fundamental importância para o cotidiano da comunidade na qual ele realizou seu trabalho. Wagley destaca que “todos os anos, em maio e junho, quando no Vale Amazônico, os rios voltam aos seus leitos e as chuvas diminuem, começa a estação seca; realizam-se inúmeras festas...” (1988, p.194).

Como podemos perceber a festa assume papel de ritual voltado para a produção e à agricultura, e também “essas festas rituais, conquanto organizadas sob o pretexto de comemorações religiosas em homenagem a um santo, constituem alegres reuniões sociais para toda a família” (WAGLEY. 1988. p. 196).

A igreja de São Sebastião ainda está em construção, grupos de trabalho coletivos são organizados para o término da igreja, erguida em homenagem ao santo padroeiro. A preparação do espaço para a festa como a construção de barracas e a ornamentação da igreja, do barracão do baile, do som que vai animar a noite, bem como as bebidas e as comidas a serem vendidas são responsabilidades de uma comissão cujo caráter é familiar. O Festejo de São Sebastião possui como característica fundamental ser uma festa organizada por uma das famílias da comunidade, o que traz algumas diferenciações em relação a uma festa com caráter

mais coletivo, pois a maioria das pessoas que fazem parte da organização e os grupos de trabalho são irmãos, primos, tios, tias, sobrinhos, afilhados ou filhos da figura de destaque da festividade.

As atividades do festejo iniciam-se durante a tarde com o torneio de futebol. Mais de dez times de diferentes comunidades disputaram o torneio, em busca do prêmio principal. No início da noite as atividades religiosas começam com o último dia de novena, nesse momento a presença do padre torna o acontecimento importante e especial, já que não há padres residindo na comunidade, apenas nos períodos de festa é que os moradores da comunidade podem contar com a presença de um sacerdote para ministra os sacramentos.

A missa é iniciada com a igreja lotada de pessoas. A celebração apresenta caráter conciliatório entre a família organizadora do Festejo e o restante da comunidade. Já que nesse momento desaparece a diferença que há entre o aspecto familiar do acontecimento, a festa assume espírito coletivo. Fato que é enfatizado pelo padre em suas palavras, que fazem referência à promessa feita pelo membro da família, que viera a proporcionar aqueles momentos de festa. Após o término da missa, o padre realiza batizados em crianças de Nazaré e das comunidades vizinhas. E a última atividade que é o baile dançante com música ao vivo.

O espaço (re)organizado e o bairro de São Sebastião

O fator religioso exerce papel de destaque dentro da comunidade de Nazaré, as crenças e os festejos têm lugar no tempo e espaço. O festejo de São Sebastião culminou com a criação de um novo espaço dentro da Vila de Nazaré, o bairro de São Sebastião. O bairro é reflexo das relações pela busca e exercício do poder, temos um dos moradores da comunidade tido como pessoa santa e com conduta ilibada, o que por sua vez o transforma em uma pessoa reclusa e de comportamento observador e silencioso. Esse morador é responsável pela realização do festejo, foi ele quem fez a promessa e recebeu a graça. Decorre daí, uma série de acontecimentos, dentre os quais o festejo é o mais importante, sendo que a festa é que legitima esse novo espaço, dando-lhe caráter de aceitabilidade entre a comunidade.

A busca pelo domínio do grupo pode parecer algo que não existe dentro da vila, o cotidiano da comunidade não transparece. para perceber que existe essa

busca, há de conhecer como está a estrutura de poder dentro da comunidade: há o administrador, um dos moradores da vila designado pelo prefeito de Porto Velho para representar o poder político na comunidade, há o presidente da associação de moradores que representa os interesses populares. Já o aspecto religioso e educacional tem um único representante, morador antigo da comunidade, professor e ministrante da igreja católica. Sua autoridade é reiterada pelo viés educacional, além de conduzir e manter o grupo dentro da mesma religião e crença. Contribuindo para o fortalecimento do catolicismo, que o faz frente ao vertiginoso crescimento das igrejas neo-pentecostais dentro das comunidades ribeirinhas.

O espaço de São Sebastião representa para o exercício da fé católica do grupo um aumento, pois a partir de então duas igrejas passam a existir na comunidade. Cada igreja passa assim, a possuir um grupo organizado de membros da comunidade que ficam responsáveis por determinadas tarefas como a limpeza, manutenção e organização do lugar para as celebrações, sendo que o grupo da igreja de São Sebastião tem como coordenador o chefe religioso da Vila de Nazaré.

Podemos observar que o espaço da comunidade esta em constante mudança. Essas mudanças estão ligadas a natureza, “o rio comanda a vida” dos moradores, com isso toda a vida da comunidade passa por períodos de mudanças. Em áreas ribeirinhas distinguimos as áreas de terra-firme e as de várzea, as primeiras passam todo o ano sem sofrer inundações, já as de várzea passam algum tempo alagadas e só por um curto período de tempo é que fica seca.

Assim, o espaço está qualitativamente dividido, tem o seu valor. Com isso quem tiver mais terras nas áreas de terra-firme terá mais tempo para produzir e não sofrerá tantas dificuldades. A área onde está localizado o bairro de São Sebastião tem por característica estar entre as áreas onde no período da cheia a água não chega, não alaga. Apenas o caminho que conduz ao novo bairro, é que alaga, tornando a caminhada do centro da vila para o bairro de São Sebastião bastante dificultoso.

Algumas Conclusões

A percepção das mudanças espacial pode passar despercebida para alguns, mas para os geógrafos essa é a matéria básica de seus estudos. Falar da edificação de uma igreja pode num primeiro momento parecer algo muito simplista, é nesse

momento que a Geografia mostra sua contribuição.

Os espaços percebidos nas comunidades ribeirinhas passam por constantes mudanças, seja feita por seus moradores ou pelo “ir e vir do rio”. O ribeirinho vê o espaço como reflexo de seu modo de vida, que está cercado pelo seu mundo mítico. As matas e as águas assumem papel de destaque. É necessário olhar com cuidado, trilhar os caminhos certos, é aí que a Geografia mostra que pode colaborar no estudo de grupos sociais, mostrar que pode contribuir para a construção de uma sociedade com justiça social, construir e fortificar o exercício da cidadania.

As crenças do grupo orientam sua vida religiosa, contribuindo também para a busca do poder. Ademais, a religiosidade é o ponto forte da comunidade logo, qualquer tentativa de domínio do grupo tem de passar por este caminho. E ao buscarmos explicações estamos realizando um exercício de entendimento do grupo, seja pelo empate e busca pelo poder seja pelo viés religioso. Essas informações culturais e organizativas do grupo são fundamentais para o entendimento do grau de eficiência da estratégia de sobrevivência do grupo que tem se revelado até então suficientes, mas que para os tempos de uma economia mundializada, estão completamente desamparados.

Referência Bibliográficas

ANDRADE, Manuel Corrêa de. *Caminhos e Descaminhos da Geografia*. 3ª. Edição, Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998

BOADA, Luis. *O Espaço Recriado*. São Paulo: Nóbél. 1991.

CAPALBO, Creuza. Espaço e Religião. In: *Manifestação da Cultura no Espaço*. Organizado por ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.219-230.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: *Explorações Geográficas*. Org. I.E. CASTRO, P.C.C. Gomes e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997. p. 89-118.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. Organizado por ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1998. p. 92-123.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo. Série Princípios. Editora Ática, 5ª. edição, 1995a.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: *Geografia: Conceitos e Temas*. Org. CASTRO, I.E., GOMES, P.C.C e CORREA. R.L. Rio de Janeiro Bertrand Brasil. 1995b. p.15-47.

- FIGUEIREDO, Sívio Lima. *Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia*. Belém: NAEA/UFGA, 1999.
- FREMONT, Armand. *A Região, o Espaço Vivido*. Livraria Almedina - Coimbra. 1980.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas - Espaço, Cultura e Política no Brasil*. São Paulo. 3ª edição. Editora Hucitec, 1996.
- MOURA. Margarida Maria. *Camponeses*. São Paulo: Atica. 1986.
- NASCIMENTO SILVA. Maria das Graças Silva. *O Espaço Ribeirinho*. São Paulo Terceira Margem. 2000.
- ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: O Sagrado e o Urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999.
- SANTOS. Milton. *Espaço e Método* 3ª Ed, São Paulo: Nobel. 1992.
- SARAIVA. Adriano Lopes. O olhar, o ouvir e o escrever como etapas da pesquisa com populações tradicionais ribeirinhas. IN: *Nos Banzeiros do Rio – Ação Interdisciplinar em busca da Sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia*. SILVA. J. C. Et all Porto Velho - RO: EDUFRO. 2002. p. 41-52.
- SARAIVA. Adriano Lopes & SILVA. Josué da Costa. “Estudo do Processo de Recriação do Espaço através das Festas Religiosas”. IN: *Pesquisa & Criação nº 1*. 2002. IX- Seminário de Iniciação Científica. 08 a 11 de Julho de 2002, Cadernos de Resumos. Porto Velho. PROPEX/ EDUFRO. 2002, p. 197-205.
- SILVA. Josué da Costa. *O Rio. A Comunidade e o Viver*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2000.
- SOUZA, Mariluce Paes. Contexto de uma comunidade ribeirinha - subsídios para promover a organização produtiva. IN: *Pesquisa na Amazônia: intervenção para o desenvolvimento* Vol. 1. Organizado por AMARAL, J. , NASCIMENTO SILVA, M.G.S. e SOUZA. M.P. Porto Velho/RO: EDUFRO. 2001. p. 25-34.
- WAGLEY. Charles. *Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos*. 3ª ed EDUSP/ITATIAIA, São Paulo. 1988.